

## Entre o ciberespaço e as ruas: expansões estético-políticas transviadas<sup>1</sup> no trabalho do artista Rafucko

Carlos Guilherme Mace Altmayer<sup>2</sup>

Denise Berruezo Portinari<sup>3</sup>

**Resumo:** *Este artigo propõe algumas reflexões a partir da obra do vídeo artista, ativista e performer Rafucko e as formas como sua comunicação transita entre o ciberespaço e as ruas para tratar de questões urgentes como o regime de falsa tolerância à dissidentes sexuais, os novos contornos dos mecanismos de censura e invisibilização de transviados e o potencial de novas mídias como canais para ações estético-políticas transviadas no Brasil nos dias de hoje. Suas ações estético-políticas se utilizam de potentes ferramentas de comunicação para criar espaços de denúncia e crítica a discursos, verdades construídas*

---

1 Me aproprio aqui do termo “transviado” usado por Berenice Bento (2015) para abraçar os estudos/ativismos queer e ao grupo de bichas, sapatas e trans, dissidentes sexuais aqui presentes propositalmente sem o uso de aspas para de forma afirmativa, fazer oposição a seus significados pejorativos. Pertinente reforçar também que sou uma destas bichas. Assim, no dicionário, transviado é definido como: “s.m. Desviado; quem se afastou dos bons costumes. adj. Desencaminhado; que se perdeu do caminho; que se transviou; que está perdido. Que se opõe aos padrões comportamentais preestabelecidos ou vigentes”.

2 Doutorando em Design pela PUC-Rio.

3 Doutora em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e professora adjunta no Curso de Graduação em Design e no Programa de Pós-Graduação em Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

*e violências com relação às pessoas que não se encaixam no modelo cisheteronormativo*<sup>4</sup>.

**Palavras-chave:** *Ciberativismo, transviado, queer, arte da performance, estético-políticas*

No presente artigo propomos, a partir de uma visita a algumas das ações estético-políticas do artista-ativista-humorista-performer-videomaker Rafucko, abordar criticamente questões relativas a gênero e sexualidade no Brasil, como os novos contornos da censura e a invisibilização de dissidentes sexuais em um estado de falsa tolerância. A partir de seu personagem *Ditador Gay*, mostramos as formas como se dá o trânsito entre sua intensa produção audiovisual e as ações executadas em espaços públicos. As falas e trocas aqui presentes são derivadas de encontros que aconteceram durante minha pesquisa de dissertação de mestrado, realizada em 2015, onde investiguei corpos dissidentes e ações estético-políticas transviadas atualmente em curso na cidade do Rio de Janeiro.

Rafucko descreve seu canal no YouTube (<https://www>.

---

4 O termo cisheteronormativo (DUMARESQ, 2014) se refere a um conjunto de práticas e dispositivos legais, médicos e sociais que trabalham para que comportamentos sejam ditados por normas dominantes a partir da noção de heterossexualidade. A própria homossexualidade seria uma definição criada a partir desse conjunto de normas para designar os indivíduos considerados anormais e desencaixados. Ser uma pessoa cisgênero significa que a pessoa se identifica com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer.

youtube.com/user/rafaelitobarbacena), como um canal de humor de gosto duvidoso. O canal, criado em 2011, serve de plataforma para o artista divulgar seus mais de 140 trabalhos, que já renderam mais de 5 milhões de visualizações. Os trabalhos em vídeo citados no decorrer deste texto podem ser acessados no canal. Além do YouTube, ele também publica em um blog e uma conta na rede social Twitter, com mais de 20.000 seguidores. O artista é responsável pela produção, direção e protagoniza a maior parte dos trabalhos que produz. Como veremos mais adiante neste texto, a força de seu trabalho reside no trânsito que consegue estabelecer entre suas produções audiovisuais e ações estético-políticas nas ruas, em programas da TV Rede Globo e manifestações como a marcha das vadias, protestos anti-Feliciano, nova parada LGBT e outros tantos levantes que vem acontecendo no Rio de Janeiro desde 2011. Seus trabalhos são dotados de um senso de humor ácido e irônico que lidam, com seriedade crítica, com uma longa lista de questões sociais urgentes como homofobia, racismo, fundamentalismo religioso e violência do estado. No presente texto sobrevoamos alguns de seus trabalhos que trabalham questões de gênero e sexualidade.

### **“Sou gay e agradeço a Deus ou sei lá o que por isso”**

Rafucko conta que cresceu na zona sul do Rio de Janeiro, em uma família branca de classe média, e estudou em colégios

nos quais, diz ele, todo mundo segue o mesmo roteiro, o mesmo tipo de vida, um roteiro dado, um roteiro pronto. Rafucko entende como que seu “desvio” sexual colaborou para que ele despertasse para certas questões políticas que o afetavam direta ou indiretamente: “serviu para me tirar do trilho”. Félix Guattari, em *Revoluções Moleculares*, fala sobre um devir bicha onde dissidentes sexuais estariam em posições privilegiadas de ruptura, de não pertencimento, em processos de desterritorialização de sujeitos que escapariam de identidades mais rigidamente construídas e hegemônicas, para entrar no que ele chamaria de “linhas de fuga da ordem social” (GUATTARI, 1981, pg.8). A partir deste devir bicha, Guattari nos fala de uma possível inclinação para o ativismo político que parte de uma ruptura libidinal que permite assumir uma atitude mais crítica à normatividade de comportamentos sociais (GUATTARI, 1981).

O primeiro trabalho audiovisual de Rafucko foi para uma disciplina da faculdade de comunicação, em 2008. Em *Versões*, o artista cria personagens que sofrem algum tipo de discriminação e os coloca na posição das pessoas que discriminam. Já na abertura do vídeo, o título animado brinca com a palavra “versões”, dando origem a palavras como “aversões”, “contraversões”, “perversões”, “inversões”. O trabalho mostra uma mulher negra, uma mulher de favela e um homem gay. A mulher negra conta

como não tem preconceito com pessoas brancas e que até tem duas branquinhas que trabalham na sua casa. O rapaz gay diz que não tem nada contra heterossexuais, desde que estas pessoas não mexam com ele. Já a moradora da favela diz que mesmo sabendo que tem pessoas no asfalto que são de bem, ela acha que a maioria é ladrão, que é só ler no jornal.

Rafucko decidiu publicar despretensiosamente o trabalho *Versões* no YouTube para que seus amigos assistissem. Na época ele trabalhava no canal GNT da Rede Globo, onde sonhava produzir e expandir seus trabalhos, porém logo percebeu que a produção de conteúdos nestes espaços seria muito restrita, porque a maioria dos projetos que propunha eram tolhidos. A publicação do seu trabalho no YouTube começou a ganhar cada vez mais audiência no Brasil e no exterior e Rafucko entendeu então que tinha ali uma oportunidade para produzir conteúdos livremente e abordar as questões políticas que considera relevantes e urgentes.

### **Novos meios, novas formas de censura.**

Em 2011, estava em pauta a bastante conhecida discussão nacional para saber se um beijo entre dois homens iria ou não ser televisionado no último capítulo da novela *Insensato Coração*, do

autor Gilberto Braga, transmitida pela TV Globo. O beijo acabou não acontecendo e foi substituído por um abraço. “Percebi que precisava aproveitar aquele momento para fazer um vídeo sobre beijo gay em novela”, conta o artista. Uma semana antes de ir ao ar o último capítulo da novela, Rafucko produziu um trabalho chamado *Beijo Gay na Novela – não é tabu, é realidade*, no qual utiliza a metalinguagem para discutir o beijo gay em horário nobre. O vídeo mostra uma crise de relacionamento entre dois homens porque um deles se nega a beijar o outro antes das dez da noite (faixa do horário nobre). Seu parceiro rebate dizendo que um simples beijo já é aceito na faixa indicativa para o horário nobre. Após discussões e ameaças de abandono, a crise é resolvida com um caloroso beijo entre os dois.

Algum tempo depois de publicado este trabalho foi denunciado por um usuário do YouTube como impróprio, e acabou tendo seu acesso restrito a pessoas menores de 18 anos. A restrição do acesso a um vídeo do YouTube por faixa etária acontece, segundo regras do site, se o vídeo contiver cenas de sexo e nudez, apologia ao ódio, atos perigosos ou ilegais conta Rafucko. Uma semana depois do episódio da censura, Rafucko editou um novo vídeo chamado *HomofTube censura beijo gay*, repleto de cenas de beijos e momentos íntimos entre homens e mulheres, trechos extraídos de novelas passadas. O trabalho

nunca foi denunciado por nenhum usuário, mas foi preciso um ano para que a restrição ao trabalho beijo gay fosse removida.

É possível elaborar um comparativo deste caso de censura moderna vivido por Rafucko com a censura exercida no período da ditadura militar no Brasil. Em artigo no livro *Ditadura e Homossexualidades*<sup>5</sup>, Rita de Cassia Colaço Rodrigues (2014) descreve como nos anos de chumbo da ditadura militar o órgão DCDP (Divisão de Censuras da Diversão Pública), responsável por garantir a preservação da “moral e bons costumes” e os valores inerentes à “família judaico-cristã”, trabalhava para censurar tudo que não se encaixasse em um modelo de heterossexualidade compulsória – o modelo reprodutivo e o papel da mulher como subordinada ao homem. O trabalho exercido pelo DCDP refletia o pensamento de parte da população brasileira que mantinha relações estreitas com organizações como *Família com Deus pela Liberdade* e *Liga das Senhoras Católicas*. A premissa para este controle e censura, segundo os documentos apurados pela comissão da verdade, estava baseada em uma suposta ameaça de um plano diabólico para destruir a moral da “grande nação cristã” e transformá-la em um inferno. Dissidentes sexuais eram vistos como uma ameaça subversiva a este modo de vida e devia

---

5 O livro se utiliza do termo “homossexualidades” porque era a palavra usada pelos militares para se referir a qualquer desviado sexual no período da ditadura militar (GREEN e QUINALHA, 2014).

ser combatido, combate esse que se mostrava mais intenso contra homossexuais afeminados e travestis (RODRIGUES, 2014).

Passados trinta anos do fim da ditadura militar e do DCDP, a censura ganha novos contornos, e o trabalho de julgamento moral e eventual censura passa agora para as mãos da população, que dispõe de ferramentas como a de denúncia no YouTube, para condenar moralmente trabalhos como o beijo gay de Rafucko. Percebe-se aqui um processo de abertura democrática que apesar de alguns ganhos de liberdade, não foi acompanhada por uma abertura cultural que garanta espaço para a existência de corpos transviados.

Seguem também vigentes os critérios morais utilizados pela mídia televisiva brasileira para decidir se um beijo gay será ou não televisionado a partir do uso de filtros morais que garantem que comportamentos “anormais” tenham pouca ou nenhuma visibilidade. As pesquisas qualitativas, grupos de focos com membros da audiência podem ser vistas como desdobramentos do trabalho exercido pelo DCDP durante a ditadura, ao servirem como tribunais para julgar o que será ou não televisionado, garantindo assim a manutenção da audiência que é diretamente ligada a rentabilidade financeira, ou seja, trata-se também de uma questão mercadológica.

Ferramentas como os acima descritos são parte de dispositivos de controle que garantem a perpetuação de

um estado de falsa tolerância, que tornam invisível certos comportamentos considerados impróprios aos olhos da “família tradicional brasileira”. Nos anos 70, na Itália, o pensador e cineasta Pier Paolo Pasolini (1983) dedicou parte de seus escritos para denunciar um estado de falsa tolerância, ou tolerância parcial, de uma sociedade, a italiana, que entrava de forma acelerada em um modelo de sociedade livre para o consumo. Uma sociedade submetida a forçadas mudanças discursivas, a uma abertura sexual minimamente flexível para seguir trabalhando primordialmente dentro do modelo de família heterossexual. Este rápido processo de abertura não refletia em profundas mudanças culturais, o que gerava um estado de falsa tolerância entre as classes menos favorecidas com relação a diversos tabus, entre eles as práticas de dissidentes sexuais (PASOLINI, 1983).

Pasolini (1983) fala que os homossexuais, por não se encaixarem no modelo de produção (e reprodução) heteronormativo proposto, continuariam a viver em um universo concentracionário (relativo a campo de concentração), sob o olhar dos mirantes de uma moral dominante. Uma falsa tolerância que atravessa corpos agora uniformizados pelas dinâmicas de consumo e se faz presente em todos os indivíduos, que se tornam, eles mesmos, máquinas propagadoras destas afirmações. “Eles podem até se beijar, mas que não seja na minha frente”, é uma das falas do vídeo *Versões*, de Rafucko, que serve de exemplo

para entender este regime de falsa tolerância no Brasil. O autor atribui este estado de tolerância seletiva a regras de consumo ditadas pelo mercado, que precisariam de uma flexibilidade apenas formal nas formas de existir para que os membros da sociedade se tornassem dóceis consumidores, em uma sociedade livre para consumir, em que uma única identidade é realmente relevante, segundo o autor, a de consumidor (PASOLINI, 1990).

Pasolini (1990) fala também de avanços discursivos que não refletem mudanças culturais profundas nem abrangentes e se limitam primordialmente às elites e que um estado de tolerância real seria apenas privilégio social das elites cultas, e que a massa popular gozaria então de um terrível espectro de tolerância que se mostraria na verdade violentamente intolerante.

No Brasil, os alarmantes níveis de violência sofridos por transviados nos dias de hoje, principalmente as bichas afeminadas e travestis, de classes menos privilegiadas, são indicativos de que estamos ainda distantes de uma evolução cultural capaz de entender a diferença como constituinte de uma sociedade plural. Rafucko denuncia as consequências violentas deste regime de falsa tolerância à dissidentes sexuais no Brasil a partir de seu personagem *Ditador Gay*, do qual trataremos a seguir.

## O Ditador Gay



*Figura 1: Rafucko é o ditador gay a frente de seu “exército” na Marcha das Vadias de 2013. Fonte: blog do Rafucko [https://rafucko.files.wordpress.com/2013/07/ditaduragay2\\_pms.jpg](https://rafucko.files.wordpress.com/2013/07/ditaduragay2_pms.jpg)*

Em 2012 o pastor evangélico pentecostal Silas Malafaia, ligado à igreja Assembleia de Deus, acusa grupos militantes LGBT de tentativas de censura a seu programa televangelista, e de estar sofrendo ameaças de cassação de seu direito de ser psicólogo. O pastor é conhecido por proferir sermões que indiretamente incitam o ódio à dissidentes sexuais, considerados uma ameaça à “família tradicional”. Silas Malafaia acusa também

os movimentos LGBT de tentarem instaurar uma “ditadura gay” no Brasil. O termo “ditadura gay” é então replicado por outros pastores evangélicos e deputados da bancada evangélica no Congresso Nacional.

Rafucko decide também se apropriar da expressão, para imaginar hipoteticamente que forma teria uma ditadura gay, e decide então criar uma série de trabalhos pautados na figura de um novo personagem, o *Ditador Gay*. Através da rede social *Twitter*, Rafucko perguntou a seus seguidores o que eles gostariam que ver no seu vídeo sobre a ditadura gay através da *hashtag* #ditaduragay. Em questão de horas a expressão tornou-se um *trending topic* mundial, além de uma grande piada. “Mas tinha gente falando sério”, conta ele. O roteiro do vídeo foi montado a partir da colaboração dos *tweets* de muitos usuários que utilizavam essa *hashtag* dando origem ao vídeo *Ditadura Gay – o golpe*.

No trabalho o *Ditador Gay* discursa para uma multidão para anunciar a instauração de uma nova ditadura saudando o público com uma “desmunhecada” de pulso, fazendo alusão ao gesto proferido por Adolf Hitler. O ditador lista uma série de novas regras e alterações constitucionais como o casamento que somente poderá ser celebrado entre dois homens e duas mulheres, ficando proibido o casamento entre um homem e

uma mulher. O ditador impõe também que datas de aniversário de divas gays, como Cher, devem se converter em feriados nacionais e cultos religiosos devem cantar música *Like a Prayer*, de Madonna.

O discurso proferido e as novas regras impostas pelo *Ditador Gay* revelam de forma humorada como são frágeis os critérios que constituem normas, mecanismos e dispositivos de controle pelos quais somos atravessados. Michel Foucault (2008) em *Nascimento da Biopolítica* de fala de como liberdades em um ambiente neoliberal democrático são garantidas por prática governamentais que garantem a concessão e retirada dessas liberdades para que seu funcionamento seja possível: liberdades de mercado, direito de propriedade, de discussão e liberdade de expressão abrem o caminho para esta sociedade que consideramos “livre”.

Foucault diz que não se trata de promover um seja livre, mas sim de pôr em prática mecanismos para uma produção do mínimo necessário para tornar livre (FOUCAULT, 2008). Um sistema que necessita consumir liberdade e para tal também produzir liberdades, o que demanda na retirada de outras em um processo que implica em uma certa arbitrariedade em seus critérios a partir de quem está a cargo de decidir sobre elas. A liberdade só pode ser percebida como tal uma vez que proibições

também estejam presentes. Foucault (2008, p.86) fala então que “é necessário de um lado, produzir a liberdade, mas esse gesto mesmo implica que, de outro lado se estabeleçam limitações, controles, coerções, obrigações apoiadas em ameaças”. Estes seriam aquilo que Foucault chama de dispositivos liberogenos, supostamente dedicados a produzir a liberdade e que, eventualmente, terminam por produzir justamente o contrário (FOUCAULT, 2008).

Para que liberdades sejam validadas e assimiladas, são necessários discursos convincentes o suficiente para que sejam compradas. Sua produção se dá a partir de discursos, parte de um conjunto de práticas e regimes de veridicação, que formam um dispositivo de saber-poder que marca efetivamente no real algo que não existe efetivamente, que ao ser submetido é legitimado no campo do verdadeiro e do falso (FOUCAULT, 2008). Em seus estudos da genealogia do objeto “sexualidade”, Foucault (2008) mostra como a partir do século XIX se encontrar em formulações como relatórios médicos, confissão religiosa, fundamentação econômica, trocas e cruzamentos na jurisdição das relações sexuais que irão definir o que é permitido e o que é proibido, dando origem à veridicação do campo do desejo, que é aquilo que hoje dá forma ao objeto “sexualidades” (FOUCAULT, 2008). Ainda segundo Foucault (2008), um regime de veridicação

está longe de ser uma lei da verdade, mas sim um conjunto de regras que permitem estabelecer, a propósito de um discurso específico, quais enunciados poderão ser tomados, a partir dele, como verdadeiros ou falsos.

Rafucko está trabalhando com uma proposta de a partir de seu personagem *ditador gay*, ocupar um território físico e social, se colocar no lugar de produtor, ditador de novas verdades, sejam elas convincentes ou não, para colocar à prova a frágil base da construção dos discursos dominantes, heteronormativos. Sobre isso ele diz: “fica claro para mim que as realidades que acontecem e existem são tão frágeis quanto aquela realidade absurda que eu criei com o *Ditador Gay*”.

### **A ficção invade as ruas.**

Na Parada LGBT de São Paulo de 2013, o artista saltou da tela pela primeira vez para levar *Ditador Gay* às ruas. Com mil cópias de um panfleto que convocava para o alistamento na ditadura gay em mãos, o artista foi para a rua vestido em sua farda para distribuir o material. “Panfletava com o peito inflado, sentia como se realmente fosse uma parada militar” conta ele. Rafucko propõe a construção de novas subjetivações a partir da construção de um personagem e da credibilidade que

atribui a ele. “Mesmo que seja somente eu a acreditar, alguém está acreditando. E se tem uma pessoa de fato acreditando eu de fato sou. A diferença está no número de pessoas que estão acreditando nisso”, conta.

Rafucko se apoia em seu blog (<http://rafucko.com/>) para registrar os desdobramentos, discursos e aparições do *Ditador Gay* em manifestações e eventos de uma maneira solene e protocolar. Um exemplo é a publicação, ou “nota oficial” sobre a participação do *Ditador Gay* na marcha das vadias de 2013 no Rio de Janeiro:

O Ditador Gay chegou à Marcha das Vadias montado na garupa de uma bicicleta guiada por uma lésbica (o famoso Sapamóvel). O Ditador caminhou em companhia de seu exército e cumprimentou os manifestantes, trocando telefone com alguns deles, em especial os que tinham peito cabeludo. Finalizou ressaltando a importância da luta pelo direito ao aborto e pelo fim da violência contra as mulheres, e cumprimentou alguns peregrinos da JMJ (Jornada Mundial da Juventude, grifo meu) por engano, pensando se tratarem de manifestantes do Regime Homossexual.

Pasolini (1983) defende que o único nível de tolerância tolerável é aquele que não tem limites. A ditadura gay descrita por Rafucko é assim. O direito de ser e praticar o sexo que bem entender não está aberto a discussões nem tampouco deve estar sujeito a aprovação de qualquer tipo. Nas palavras de Rafucko: “mulheres mostrarem os peitos na rua ou bichas se beijando na

rua não é algo que deveria estar aberto a debate. Pode falar e discutir sobre tudo, desde que o beijo esteja acontecendo. Neste sentido, sim, é uma ditadura. São várias ditaduras que devem ser implantadas”. Pasolini (1990) diz que a tolerância no campo sexual é unívoca (portanto repressiva), ou seja, deixaria espaço para apenas uma via de interpretação – o que configuraria um tipo de tolerância parcial e, portanto, pouco democrática. Ainda sobre esta questão da tolerância, Slavoj Žižek (2008), em seu livro *Em defesa da Intolerância*, diz que talvez tenha chegado o momento de criticar este falso liberalismo que domina o mundo ocidental, e aplicar uma boa dose de intolerância, nem que seja apenas com o propósito de evocar uma paixão política que alimente a discórdia, apostando dessa maneira em uma politização renovada. *O Ditador Gay* parece vir a campo de forma humorada para impor este estado de intolerância proposto por Žižek.

Em agosto de 2013, o artista foi convidado para a plateia do programa *Na Moral*, na TV Globo, onde seria debatida a relação entre religião e política. Entre os entrevistados estavam um ateu, um babalorixá, um padre católico e o pastor evangélico Silas Malafaia. Rafucko decide participar do programa incorporando seu *Ditador Gay*. O artista conseguiu um lugar na plateia exatamente atrás do pastor Silas Malafaia, como mostra



*Figura 2: O Ditador Gay na plateia do programa Na Moral da Rede Globo, sentado atrás do pastor Silas Malafaia. Fonte: blog do Rafucko. <https://rafucko.files.wordpress.com/2013/08/rafuckoesilas.jpg>*

a figura 2. Durante vários momentos do programa o *Ditador Gay* aparece reagindo às colocações do pastor como no trecho em que Silas Malafaia afirma que existem ladrões em todos os lugares, e que também existiam ladrões na igreja evangélica. Sobre a participação no programa Rafucko diz: “Para mim, de fato o ditador gay esteve lá. Este fato aconteceu. Eu estava dentro do estúdio do Projac da rede Globo, em rede nacional. Foi uma encenação como tudo nessa vida é uma encenação. É tudo uma performance”.

Ao estabelecer um trânsito constante entre suas produções em vídeo e ações estético-políticas em espaços públicos, Rafucko

dá forma a um conjunto de ações de resistência que extrapolam os limites impostos pelas telas e pelas ruas, estabelecendo canais de interação interdependentes e complementares. O artista se aproveita dos meios de comunicação para um ativismo político desvinculado de instituições, mas que dialoga permanentemente com elas através de formas criativas de enfrentamento e desconstrução de sua credibilidade. Foucault diz que jamais seremos aprisionados por eles (os poderes), porque sempre poderemos modificar sua dominação a partir de estratégias precisas (FOUCAULT, 1993).

Através de ações estético-políticas como as aqui descritas através do trabalho de Rafucko, é possível pensar na criação de cenários imaginários que colocam à prova discursos, instituições e poderes, provocando questionamentos sobre as dinâmicas de sua própria existência. Com suas propostas de enfrentamento político, seja na figura do *Ditador Gay* ou não, o artista nos convoca a deixar de lado o papel de subalterno da bicha (propositalmente citada aqui sem o uso das aspas) a certos poderes hegemônicos para subverter a dinâmica que tende a uma perpetuação das figuras da vítima e do vitimado. Dessa forma, podemos perguntar se a capacidade de subversão das ações performáticas do *Ditador Gay* não estaria justamente na precariedade da sua construção e no fracasso da sua tentativa de instaurar efetivamente uma ditadura gay, da mesma forma como

são fracassadas as tentativas de imposição de um ambiente higienizado de comportamentos obedientes à heteronorma.

Neste lugar, em todo lugar onde se estabelecem relações de poder, Rafucko optou pela posição de brincar seriamente de poder para revelar a fragilidade de suas bases. Os meios e as mensagens de Rafucko apontam para um viés crítico que expõe fragilidades, possibilidades de desmonte e reconfigurações em uma fábrica móvel que transita pelas redes sociais, pelas ruas, e até mesmo em programas de televisão. Através de meios autônomos e marginais, a mensagem de Rafucko se infiltra, e extravasa para caminhos imprevisíveis e incontroláveis.

A Internet, esta rede de interconexões, prática antiga da existência humana, traduzida em ferramentas tecnológicas (CASTELLS, 2001) é o palco ideal para ações comunicacionais e multiplicadoras como as de Rafucko. A rede é a mensagem, diz Castells (2001) em seu trabalho *La Galaxia Internet*. Nos primórdios da Internet o autor já defendia de forma visionária sobre este meio de comunicação horizontal, não controlado e relativamente econômico, de indivíduo para indivíduo, ou de um indivíduo para muitos (CASTELLS, 2001). Essa horizontalidade não só se tornou uma realidade, mas é hoje uma das mais poderosas ferramentas comunicadora de outras formas de saber do corpo, alternativas aos comportamentos ditados por grandes veículos

mediáticos unilaterais, como demonstra o trabalho de Rafucko.

Censurada ou não, controlada ou não, a rede é sem dúvida uma potente ferramenta de alcance global para ações estético-políticas. Rafucko diz se interessar pelo caráter multiplicador do seu canal, sabendo que nunca terá uma audiência semelhante à da TV Globo, mas fala de um fator multiplicador no sentido de produzir novos protagonistas, corpos inquietos que se tornam agentes ativos de transformação. As pessoas que assistem seu canal não são somente telespectadores passivos, mas entendem que poderiam também estabelecer um canal de comunicação. Sobre isso diz Rafucko: “não precisamos somente consumir, podemos e precisamos fazer nossas próprias performances. Eu posso fazer o meu próprio noticiário. É um discurso meio Sebrae, mas é assim que as redes se formam”.

Rafucko entender ser parte de uma nova mídia que em suas palavras “deixa de produzir porque está com o coração quebrado. Assim é a nova mídia”. Por muito tempo ainda, seus trabalhos em vídeo, suas ações estético-políticas serão referência para ilustrar um movimento que se utiliza de tecnologias de comunicação como suporte para formas criativas de fazer política e ocupar espaços digitais e as ruas, promovendo, como vimos através do *Ditador Gay*, uma comunicação entre os pixels da internet e o corpo dissidente e seus enfrentamentos políticos.

## Referências

BENTO, Berenice. É o queer tem pra hoje? Conversando sobre as potencialidades e apropriações da Teoria Queer ao Sul do Equador. *Revista Áskesis*, janeiro/junho - 2015. Disponível em <<http://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/download/61/pdf>>

CASTELLS, Manuel. *La galaxia Internet*. Madrid: Areté, 2001.

DUMARESQ, Leila. *O cisgênero existe*. 2014. Disponível em <<http://transliteracao.com.br/leiladumaresq/2014/12/o-cisgenero-existe/>>

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

\_\_\_\_\_. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GREEN, James, QUINALHA, Renan (Orgs.). *Ditadura e homossexualidades: Repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EDUFscar, 2014.

GUATTARI, Felix. *Revolução Molecular: Pulsações Políticas do Desejo*. São Paulo; Brasiliense. 1981.

PASOLINI, Pier Paolo. *As últimas palavras do herege*.

Entrevistas com Jean Duflot. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. *Os jovens infelizes*. Antologia de ensaios corsários. (org. Michel Lahud), São Paulo: Brasiliense, 1990.

RODRIGUES, Rita de Cassia Colaço. De Denner a Chrysóstomo, a repressão invisibilizada. IN: GREEN, James, QUINALHA, Renan (Orgs.). *Ditadura e homossexualidades: Repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EDUFscar, 2014.

ZIZEK, Slavoj. *Em defesa de la intolerância*. Madrid: Ediciones Sequitur, 2008.